

As Regiões Semiáridas e suas Especificidades 3

Alan Mario Zuffo
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Alan Mario Zuffo
(Organizador)

As Regiões Semiáridas e suas Especificidades 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R335 As regiões semiáridas e suas especificidades 3 [recurso eletrônico] /
Organizador Alan Mario Zuffo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (As Regiões Semiáridas e suas Especificidades;
v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-192-3

DOI 10.22533/at.ed.923191503

1. Regiões áridas – Brasil. I. Zuffo, Alan Mario. II. Série.

CDD 333.7369

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*As Regiões Semiáridas e suas Especificidades*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu III volume, apresenta, em seus 23 capítulos, com conhecimentos tecnológicos das regiões semiáridas e suas especificidades.

As Ciências estão globalizadas, englobam, atualmente, diversos campos em termos de pesquisas tecnológicas. O semiárido brasileiro tem características peculiares, alimentares, culturais, edafoclimáticas, étnicas, entre outros. Tais diversidades culminam no avanço tecnológico, nas áreas de Agronomia, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Medicina Veterinária, Zootecnia, Engenharia Agropecuária e Ciências de Alimentos que visam o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais, bem como conhecimentos nas áreas de políticas públicas, pedagógicas, entre outros. Esses campos de conhecimento são importantes no âmbito das pesquisas científicas atuais, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes no semiárido brasileiro e, também nas demais regiões brasileiras.

Este volume dedicado à diversas áreas de conhecimento trazem artigos alinhados com a região semiárida brasileira e suas especificidades. As transformações tecnológicas dessa região são possíveis devido o aprimoramento constante, com base em novos conhecimentos científicos.

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata os recentes avanços científicos e tecnológicos, os agradecemos do Organizador e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que este livro possa colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de novas tecnologias para o semiárido brasileiro, assim, garantir perspectivas de solução para o desenvolvimento local e regional para as futuras gerações de forma sustentável.

Alan Mario Zuffo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IMPACTOS DO PROJETO DE TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO PARA A AGRICULTURA IRRIGADA	
Getúlio Pamplona de Sousa Joab das Neves Correia Laryssa de Almeida Donato	
DOI 10.22533/at.ed.9231915031	
CAPÍTULO 2	13
INFLUÊNCIA DOS PERÍODOS SECO E CHUVOSO SOBRE OS NÍVEIS DE GLICOSE CIRCULANTE EM CAPRINOS E OVINOS NO SEMIÁRIDO PARAIBANO	
Luanna Figueirêdo Batista Bonifácio Benício de Souza Adriana Trindade Soares Maria Dalva Bezerra de Alcântara Nágela Maria Henrique Mascarenhas Évylla Layssa Gonçalves Andrade Gustavo de Assis Silva Fábio Santos do Nascimento Maycon Rodrigues da Silva Fabíola Franklin de Medeiros João Paulo da Silva Pires Júlia Laurindo Pereira Adalmira Bezerra de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9231915032	
CAPÍTULO 3	19
INUNDAÇÃO, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE IPANGUAÇU/RN	
Juliana Rayssa Silva Costa Adalfran Herbert da Silveira Fernando Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9231915033	
CAPÍTULO 4	30
LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE MATA CILIAR EM COMUNIDADE RIBEIRINHA DO MUNICÍPIO DE PATOS, SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gabriela Gomes Ramos Maria das Graças Veloso Marinho Géssica dos Santos Vasconcelos Rosivânia Jerônimo de Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.9231915034	
CAPÍTULO 5	41
MINERALIZAÇÃO E PERDAS DE NITROGÊNIO DA UREIA EM LUVISSOLO CRÔMICO	
Rayanne Maria Galdino Silva Viviane Borges Dias Josinaldo Lopes Araújo Elidayane de Nóbrega Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9231915035	

CAPÍTULO 6 48

MONITORAMENTO DOS PARÂMETROS FÍSICO-QUÍMICOS DE QUALIDADE DA ÁGUA DOS MACEIÓS PARAIBANOS DE INTERMARES E BESSA

Ane Josana Dantas Fernandes
Maria Mônica Lacerda Martins Lúcio
Liz Jully Hiluey Correia
Alan Ferreira de Araújo
Edilma Rodrigues Bento Dantas

DOI 10.22533/at.ed.9231915036

CAPÍTULO 7 65

MORFOLOGIA DE FRUTOS, SEMENTES E PLÂNTULAS DE *Aspidosperma pyrifolium* Mart. (APOCYNACEAE)

Danilo Dantas da Silva
Maria do Socorro de Caldas Pinto
Marília Gabriela Caldas Pinto
Fabrício da Silva Aguiar
Vinicius Staynne Gomes Ferreira
Sebastiana Renata Vilela Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.9231915037

CAPÍTULO 8 76

NÚCLEO URBANO DE INTERESSE SOCIAL EM DISCUSSÃO: ABORDAGEM NO MUNICÍPIO DE PAU DOS FERROS/RN

Daniela de Freitas Lima
Almir Mariano de Sousa Junior
Joseney Rodrigues de Queiroz Dantas

DOI 10.22533/at.ed.9231915038

CAPÍTULO 9 86

PARQUE ESTADUAL PICO DO JABRE *VERSUS* REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Ana Luiza Fortes da Silva
Ane Cristine Fortes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9231915039

CAPÍTULO 10 92

PERMANÊNCIA DE PLANTAS DE COBERTURA NO CULTIVO DO MILHO NO SEMIÁRIDO

Jean Lucas Pereira Oliveira
Carlos Alessandro Chioderoli
Elivânia Maria Sousa Nascimento
Rita de Cássia Peres Borges
Francisca Edcarla de Araújo Nicolau
Marcelo Queiroz Amorim

DOI 10.22533/at.ed.92319150310

CAPÍTULO 11 104

PERSPECTIVAS, ANÁLISES E CONTRIBUIÇÕES: A PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS DA COOPERATIVA DOS ALUNOS DA ESCOLA AGRÍCOLA DE JUNDIAÍ - COOPEAJ

Damião Ferreira da Silva Neto
João Paulo Teixeira Viana
Adailton de Moura Costa
Veniane Lopes da Silva
João Lucas do Nascimento Neto
Júlio César de Andrade Neto

DOI 10.22533/at.ed.92319150311

CAPÍTULO 12 114

PESQUISA DE CEPAS DA FAMÍLIA ENTEROBACTERIACEAE EM CARNE DE FRANGO 'IN NATURA' COMERCIALIZADA EM PATOS – PB

Talita Ferreira de Moraes
Vitor Martins Cantal
Júlia Laurindo Pereira
Rosália Severo de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.92319150312

CAPÍTULO 13 125

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PROMOVER A CONVIVÊNCIA COM AS SECAS E USO DA ÁGUA DE CISTERNAS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO COMO ALTERNATIVA DE SUSTENTABILIDADE

Gáudia Maria Costa Leite Pereira
Xenusa Pereira Nunes
Monica Aparecida Tomé Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92319150313

CAPÍTULO 14 133

POTENCIAL ANTIMICROBIANO DO ÓLEO ESSENCIAL DE ALGRIZEA MINOR FRENTE A *Staphylococcus aureus*

Graziela Cláudia da Silva
Alexandre Gomes da Silva
Luciclaudio Cassimiro de Amorim
Marcia Vanusa da Silva
Paloma Maria da Silva
Maria Tereza dos Santos Correia

DOI 10.22533/at.ed.92319150314

CAPÍTULO 15 142

POTENCIAL ANTIOXIDANTE DA CULTURA FORRAGEIRA CUNHÃ (*Clitoria ternata* L.) CULTIVADAS EM DOIS NÍVEIS DE ADUBAÇÃO, COM ESTERCO CAPRINO E BOVINO

Aldenir Feitosa dos Santos
Monizy da Costa Silva
Amanda Lima Cunha
José Crisólogo de Sales Silva
Jessé Marques da Silva Junior Pavão
Simone Paes Bastos Franco

DOI 10.22533/at.ed.92319150315

CAPÍTULO 16	157
PRELIMINARY SURVEY OF THE LARGE AND MEDIUM SIZE TERRESTRIAL MAMMALS IN THE STATE PARK OF SETE PASSAGENS, BAHIA	
Rosana da Silva Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.92319150316	
CAPÍTULO 17	167
PRODUÇÃO DE PELLETS DE CAPIM-ELEFANTE (<i>Pennisetum purpureum Schum</i>) SOB DIFERENTES TRATAMENTOS	
Rosimeire Cavalcante dos Santos	
Izabelle Rodrigues Ferreira Gomes	
Cynthia Patricia de Sousa Santos	
Sarah Esther de Lima Costa	
Ana Carolina de Carvalho	
Damião Ferreira da Silva Neto	
Renato Vinícius Oliveira Castro	
Angélica de Cássia Oliveira Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.92319150317	
CAPÍTULO 18	177
RICHNESS AND DISTRIBUTION OF MOSSES IN A BRAZILIAN DRY FOREST	
Evyllen Rita Fernandes de Souza	
Joan Bruno Silva	
Shirley Rangel Germano	
DOI 10.22533/at.ed.92319150318	
CAPÍTULO 19	191
SECAGEM DE QUIABO (<i>Abelmoschus esculentus L. Moench</i>) EM ESTUFA	
Teresa Letícia Barbosa Silva	
Vimário Simões Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92319150319	
CAPÍTULO 20	202
SOINGA: UMA NOVA RAÇA PARA PRODUZIR NO SEMIÁRIDO	
Fabíola Franklin de Medeiros	
Fábio Santos do Nascimento	
Nágela Maria Henrique Mascarenhas	
Luanna Figueirêdo Batista	
Mirella Almeida da Silva	
Antonio Leopoldino Neto	
Maycon Rodrigues da Silva	
João Paulo da Silva Pires	
Deivyson Kelvis Silva Barros	
Paloma Venâncio da Silva	
Leonardo Flor da Silva	
Bruna Marques Felipe	
Bonifácio Benicio de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.92319150320	

CAPÍTULO 21	206
TECNOLOGIA MITIGADORA DOS EFEITOS DA SECA EM ESPÉCIES DA CAATINGA COMO ESTRATEGIA PARA O RECAATINGAMENTO	
Carlos Alberto Lins Cassimiro Francisco de Sales Oliveira Filho Lidiana Vitória Calisto Alencar Selma dos Santos Feitosa Edvanildo Andrade da Silva Eliezer da Cunha Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.92319150322	
CAPÍTULO 22	214
UM SER-TÃO OUTRO: DOIS PONTOS, DUAS VISTAS	
Amilton Gonçalves dos Santos Nilha Verena Fonseca Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.92319150322	
CAPÍTULO 23	226
UTILIZAÇÃO DA ESTATÍSTICA PARA DIAGNÓSTICO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO E O ACESSO À ÁGUA DOS MORADORES DA ZONA URBANA DE ESPERANÇA - PARAÍBA	
Joyce Salviano Barros de Figueiredo Ana Rebeca de Melo Araújo Francisco Ian Batista da Silva Mylla Christian Bezerra de Oliveira André Luiz Fiquene de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.92319150323	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	235

UM SER-TÃO OUTRO: DOIS PONTOS, DUAS VISTAS

Amilton Gonçalves dos Santos

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - UNEB, Juazeiro - Bahia

Nilha Verena Fonseca Ferreira

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - UNEB, Juazeiro - Bahia

RESUMO: O presente trabalho resulta da articulação de dois pontos de vista sobre o Sertão, a partir de um discurso biográfico das experiências no Sertão Baiano de dois mestrandos, que se propuseram a analisar, através das suas memórias, o processo construtivo da concepção de Sertão. Objetiva-se discorrer sobre a apreensão da ideia de tal concepção a partir da relação entre o que se veicula em materiais bibliográficos e meios de comunicação e os relatos de experiências desses dois sujeitos que vivenciam a realidade territorial em questão. Nesse percurso, apresenta-se também uma representação do sertão numa perspectiva endógena e exógena, fomentando a compreensão de pontos de vista acerca da idealização desse espaço territorial. Descreve-se como os livros, novelas, filmes, seriados, jornais, TV e vários outros canais de comunicação perpetuam a construção imagética da concepção de sertão

como território inóspito, hostil e selvagem, de fome e miséria, de seca e do chão rachado, de carcaças de animais mortos e das folhas secas. Nesse sentido, traz a educação escolar (básica e superior) como re/produtora de um movimento de cristalização ou re-significação da imagem, dizibilidade e visibilidade do Sertão, bem como uma dicotomia entre urbano, rural e litoral. As diferentes representações estabeleceram pontos de convergência em relação à influência de um discurso que reforça estigmas negativos sobre este espaço e tornando invisíveis as suas potencialidades, vocações, saberes, culturas e possibilidades. Pretende-se por meio deste estudo contribuir para uma reflexão sobre a forma de representação e (re)construção da ideia de Sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão baiano, Ser-tão, Discurso, Memória, Representação.

ABSTRACT: The present work results from the articulation of two points of view on the Sertão, from a biographical discourse of the experiences in the Sertão Baiano of two masters, who set out to analyze, through their memories, the constructive process of the conception of Sertão. The objective is to discuss the apprehension of the idea of such a conception based on the relationship between what is conveyed in bibliographical materials and the means of communication and the experiences

reports of these two subjects who experience the territorial reality in question. In this way, there is also a representation of the sertão in an endogenous and exogenous perspective, fomenting the understanding of points of view about the idealization of this territorial space. It is described how books, novels, films, serials, newspapers, TV and various other channels of communication perpetuate the imaginary construction of the conception of sertão as inhospitable, hostile and savage territory, of hunger and misery, of drought and cracked ground, dead carcasses and dead leaves. In this sense, it brings school education (basic and higher) as a re-producer of a movement of crystallization or re-signification of the image, readability and visibility of the Sertão, as well as a dichotomy between urban, rural and coastal. The different representations established points of convergence in relation to the influence of a discourse that reinforces negative stigmas about this space and making invisible its potentialities, vocations, knowledge, cultures and possibilities. The aim of this study is to contribute to a reflection on the representation and construction of the Sertão idea.

KEYWORDS: Bahia Sertão, Ser-tão, Speech, Memory, Representation.

1 | INTRODUÇÃO

O Sertão apresentado como música, poesia, filme, pinturas e tantas outras produções culturais, nos remete ao imaginário e romântico ensaio sobre as pessoas – vistas a partir do outro, os animais, sua fauna, sua flora e suas características geológicas e climáticas. Compreender uma realidade a partir do seu contexto outro pode representar significações dicotômicas do que é realidade ou justificar verdades de um não-texto – um pretexto intencional que produz subjetivamente um cenário cristalizado. Nesse sentido, podemos abrir espaço para um questionamento próprio sobre como vemos o Sertão.

Pensar a ideia de Sertão a partir do entendimento de cada sujeito pode revelar uma analogia com a sua etimologia. Sua origem, como palavra, assume diversos significados constituídos por mais variados meios, engendrando assim referência de desertão (do latim desertunu); região pouco povoada, do interior, associada à floresta ou mato, longe da costa, lugar inculto, incivilizado – segundo dicionário da língua portuguesa do século XVIII e XIX; região agreste, distante das povoações ou da terras cultivadas, terreno coberto de mato, longe do litoral, interior pouco povoado – conforme dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; mulcetão (celtão, certão, mato longe da costa) – de acordo com o dicionário da Língua Bunda de Angola (VASCONCELOS, 2007).

Essa interpretação sobre o Sertão conota explicações sobre uma imagem físico-geográfica, de fora para dentro, que podemos entender como definições propostas a partir de visões alheias à realidade local (sertão). É outro olhar que constrói um discurso e se cristaliza na medida em que essa mesma fala é reproduzida também de dentro para fora, ou seja, de quem vive nesta região. Assim, é salutar pensar como

cada sujeito internaliza e externaliza sua concepção sobre este espaço no qual está inserido, o sertão, “visto que a variabilidade do termo é infinita e que o seu significado depende de quem, de onde e quando se pronuncia” (VASCONCELOS, 2007, p. 58).

A priori, não nos propomos aqui a discorrer sobre os processos históricos que permeiam a construção deste território e sua identidade, apesar de que fragmentos podem surgir no seu desenvolvimento. Queremos sim, trazer a representação e (re)construção das vistas de um ponto, ou melhor, descrever dois imaginários, dois contextos, dois pontos de vista sobre o Sertão, um discurso biográfico da realidade a partir das experiências no Sertão Baiano.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a apreensão da ideia de sertão a partir da relação entre o que se veicula em materiais bibliográficos e meios de comunicação e os relatos de experiências de dois sujeitos que vivenciam a realidade do referido território.

Assim, dividimos o corpo deste trabalho em dois momentos, onde se expõem essas duas visões, de um “ser-tão” – empregamos propositalmente o hífen a esta palavra, para denotar a subjetividade de um ser, na sua intensidade, que a partir de sua realidade, se propõe a significar o sertão. Primeiro, um ponto de vista de dentro do sertão, resultado do envolvimento com este espaço, representado suas raízes e experiências imbricadas com este contexto; e uma segunda visão “forasteira”, outro olhar, que traz na sua vivência uma compreensão diferenciada.

2 | METODOLOGIA

No intuito de atender ao objetivo deste trabalho, o qual tem como prioridade as representações e significações do discurso sobre o sertão, parte-se da subjetividade como elemento intrínseco a compreensão do objeto em estudo. Assim, segue-se um percurso metodológico de caráter qualitativo, utilizando um viés autobiográfico a fim de compreender o fenômeno em estudo, que apresenta fragmentos de memória, ou seja, subjetividades, trabalhando com emoções e intuições, que denotam uma realidade multifacetária da realidade social (ABRAHÃO, 2003). Assim a pesquisa autobiográfica “[...] é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). Para tal utilizou-se de relatos de experiência (histórias de vida), bem como de revisão bibliográfica sobre o discurso e contexto do sertão.

3 I DE DENTRO DO SER-TÃO DOIS SERTÕES - VISÃO DE SERTÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE AMILTON GONÇALVES DOS SANTOS

“... o Sertão nada mais é que um longe perto que pode estar em toda parte, ser o mundo e, ao mesmo tempo, estar dentro da gente...” (VASCONCELOS, 2007, p. 56)

Do norte da Bahia, Sertão nordestino do Brasil, vi crescer um eu menino, franzino e alegre. Natural de Uauá, fui erradicado em Juazeiro, cidade banhada pelas águas do rio São Francisco, a qual me proporcionou uma realidade pessoal de Ser-tão diferente. Disponha de água em abundância, energia elétrica, acesso as mais diversas formas de tecnologia e educação, dentre tantas outras coisas. Mas minha alegria se dava nas férias escolares. Nestas, o caminha era a roça, o rural, o interior, especificamente, as casas da minha avó e de outros familiares.

Naquele tempo via tudo com outros olhos. Não dispunha de riquezas e minhas raízes sempre estiveram no campo, na roça, na agricultura, foi de lá a minha descendência. O espaço urbano com casas bonitas – feias também, algumas ruas asfaltadas, televisão, água gelada, carros que passavam a todo o momento e vários outros contextos, davam espaço há um cenário mais rústico, rural.

O ônibus partia e o cenário urbano já dava espaço à vegetação lateral que naquela época do ano estava verdinha; um carro nos ultrapassava, a poeira amarela subia e a visão ficava turva. Povoados eram deixados para trás e me inquietava as casinhas de taipa à beira da estrada, tão distantes e solitárias. Algumas horas e chegava ao destino: Fazenda Caldeirão da Serra, zona rural de Uauá-BA.

O contexto era outro. Já aos cuidados da minha vovó, aguardava o carro que nos levaria à sua casa: tratava-se de uma caminhonete Chevrolet C-10 a gás. O cheiro do referido combustível (gás) dissipava-se no ar, enquanto num canto da carroceria do veículo outro botijão de cozinha estava à disposição do motorista, como se fosse um “jogador reserva” que poderia entrar em campo a qualquer momento.

Entrincheirava-me em meio às pernas dos passageiros. De longe avistava o alpendre e a calçada alta. Descia à beira da estrada, dividindo espaço com o “poirão” e caminhava por uma reta e curta estrada que dava de frente à porta da casa. Por esta mesma porta de madeira, montada rusticamente em partes, adentrava à casa e tão logo via o querosene inundando o candeeiro e a luz propagando-se pelos cômodos da casa, enquanto isso o cheiro do café já exalava. O mesmo cheiro fazia parte do despertar que era acompanhado dos cantos dos pássaros e eu já corria as veredas e “trepava” os umbuzeiros deliciando o fruto direto do “pé”. Neste intervalo, um grito estremecia na mata: menino vem tomar café!

Esta epopeia perdurou vários anos. Contudo, esta visão romântica paulatinamente passou a representar apenas uma visão do passado. Eis o motivo de iniciar com este relato de infância para poder aqui descrever como se constituiu a imagem do sertão no qual estou inserido.

“O sertão se reinventa” (BURSZTYN, 2008, p. 21). O sertão que eu inventei se reinventou, com isso me percebi sem sertão. Entendia como um espaço, território neutro – alheio às mudanças – com características que me cativavam. Nesse imaginário, meu lugar perdeu sentido na medida em que o cenário passou por uma descaracterização. À beira da estrada as casas se modernizaram, os postes levaram luz e as grandes antenas parabólicas anunciaram as programações da TV. Os transportes como jumentos, cavalos e bicicletas cederam lugar às motocicletas; os potes de água tornaram-se enfeites dando lugar à geladeira; os banhos de cuia de cabaça com água retirada dos tanques, barreiros e caldeirões perderam espaço para o chuveiro com água encanada; os candeeiros apagaram-se mediante a chegada da energia elétrica e suas lâmpadas. Em meio a tantas mudanças, sobrou espaço também para as cisternas de captação de águas da chuva: essas não me incomodaram, por ser uma invenção de tão grande utilidade e valorização do bem mais precioso que era a água. E eu inventei um Ser-tão de saudade e tradição.

Nesse processo, dois momentos assumem características relevantes na concepção pessoal de Sertão: a educação escolar básica e a educação acadêmica. Através da educação básica passei a estereotipar e reproduzir o que os livros propagavam e também reverberava nas falas dos professores. O saber constituído do mergulho no mar daquela educação inundou e afogou-me no universo de significações que “de fora” conceituam o sertão (meus dois sertões), num íterim de representações as quais a cultura, os saberes, as riquezas humanas deste território são elementos de invisibilidade em detrimento às definições “do outro” tido como culto e desenvolvido. Tal contexto fez-me criar, imaginar, dizer e fazer do rural, Sertão. Um sertanejo (re) produzindo e cristalizando imagens de um outro Sertão inserido no mesmo espaço. Um local que se caracteriza pela ideia do não “progresso”. Aí está o porquê da saudade e tradição.

Num outro momento, a universidade (academia) constituiu elementos suscetíveis ao repensar e re-significar a ideia de Sertão, engendrando condições para romper com certos preceitos do mal-estar com o novo, com as mudanças. Entendia o Sertão como aquele espaço territorial longe da cidade e desprovido de benesses urbanas não percebendo que se tratava do mesmo contexto: o urbano e o rural vistos na dicotomia de dois sertões que reverberam dentro de um Ser-tão. Em meio aos estudos pude desnudar-me da cegueira acerca da estereotipia multiplicada na TV (filmes, novelas, séries, etc.), jornais, livros e tantos outros veículos de comunicação, perpassando pelos discursos descontextualizados que se reproduzem como explicações de dizibilidade e invisibilidade dos saberes, riquezas e culturas deste território. Assim, através desta educação, abriram-se portas para conhecer um Ser-tão rico em sua singularidade e que deve ser visto pela sua diversidade em beleza, no afã de re-significar as definições estereotipadas, cristalizadas e divulgadas nos livros, artes e mídias.

Retornando ao Ser-tão de saudade e tradição, passeando nas literaturas vi-me na fala de ALBUQUERQUE JUNIOR (1994, p. 105) quando cita que “o saudosista,

assim como o tradicionalista são reacionários ao novo, são construtores, no presente, de territórios que se assemelham ao passado”. Nunca parei para questionar minhas interpretações. Visitava aquele Sertão uma ou duas vezes ao ano e jamais percebi como as pessoas que ali residiam poderiam desejar acesso às mesmas benesses tecnológicas e todas as outras mudanças, as quais eu já dispunha. O Sertão que conhecia se tornou dois e a homogeneidade imaginária a qual percebia engendrou um Sertão heterogêneo no mesmo Sertão.

O Sertão que estava longe, descobri-o bem perto e em todo lugar. Encontrei-me perpetuando e reproduzindo uma idealização de Sertão que transcende a palavra e permeia vários dos discursos econômicos, políticos, culturais e midiáticos – livros, músicas, novelas, filmes, jornais e tantos outros. Esse processo não se resume ao presente, mas se constitui de forma histórica como bem diz VASCONCELOS (2007, p. 59):

No Brasil, as imagens de Sertão vão-se transformando de acordo com o período histórico; por ser este um conceito abrangente e movente, será utilizado de diversas formas de acordo com os interesses e as conveniências tanto de uma elite intelectual quanto do artista popular que produz opiniões e pensamentos sobre o país. Desta forma, criam-se novos sentidos que tomam lugar das significações passadas e ampliam os sentidos construídos anteriormente.

Alheio ao meu Ser-tão, com uma imagem memorizada, não me interessava pensar o que este representava, bastava-me o rio, o meu oásis. Contudo, o inverso era verdadeiro e outros pensavam o Sertão. O discurso proferia uma estereotipia negativa, principalmente a que recaía sobre o Sertão do Nordeste – justamente onde me insiro como sertanejo – este sendo atribuído como sinônimo de miséria, região problema, desprovida de cultura, incivilizada, terra de preguiçosos, etc. A imagem estereotipada que inferioriza o Sertão se reflete principalmente numa ideia propagada pela literatura, músicas, filmes e novelas os quais traduzem a este espaço a figura da seca e da terra rachada, da fome e das carcaças de animais mortos, ou seja, uma visibilidade de terra hostil.

Diversas obras, principalmente literárias, consagraram-se ao descrever o Sertão e suas particularidades, mesmo que ainda negativa, aportando em seu conteúdo imagens e ideias que muitas vezes são ambíguas e contraditórias na medida em que descrevem o homem que nela habita, sua fauna e flora. Isso pode ser percebido nas variadas obras que descrevem as características do homem sertanejo, como cita VASCONCELOS (2007, p. 64):

[...] mesmo visando a enaltecer a bravura do homem do interior (considerado por esses autores como essência da nação), ou para denunciar o descaso com que os governos tratam essas populações, terminam criando ou reforçando estigmas negativos ou positivos, sempre redutores, que fixam a imagem do sertanejo como eterno resistente à modernidade, representante do atraso e da barbárie, ainda presentes no pensamento social contemporâneo, como forma de negação dos elementos rurais.

Essa ideia de Sertão, estereotipada e cristalizada a partir de mecanismos que

propagam um saudosismo do imagético, conduz o sertanejo a reproduzir e se posicionar na condição de miserabilidade e vítima da seca. É nesse ponto que o momento educacional acadêmico mostra-se importante na construção de perspectivas de resignificações a partir de elementos como a educação contextualizada e os mecanismos de convivência com a seca, os quais ganham respaldo em ações promovidas por diversas instituições (universidades, ONGs, etc.). Estas são ações qualificadas que visam agregar novos saberes e assim contribuir para romper com um processo de colonização imposto “de fora”, do outro e, ao mesmo tempo, como diz SILVA (2010, p.3), com “o objetivo de construir comunidades e sociedades felizes com modos de vida sustentáveis”. O sertanejo é um homem do Sertão e sua história já lhe ensina a conviver com este.

Posso concluir que o meu Sertão não é mais um Ser-tão “outro” e que meu ponto de vista não se resume a dois pontos ou duas vistas. Meu Sertão se descreve na riqueza da sua multiplicidade e diversidade em cultura e povo, como se fossem muitos outros; mas é apenas um. Estar preso a um estereótipo ou estereótipos fez-me cegar como sertanejo e parte deste Sertão abundante, que não se resume à seca e se constrói a cada dia em sua exuberância natural. Vejo o Sertão a partir do sertanejo que no seu cotidiano já sabe lidar com o ciclo natural como diz CARVALHO (2010, p. 118):

O sertanejo é esse ser que se permite referir-se ao mundo (semiárido) por sua maneira de ser interativa e de convivência com os regimes de signos, códigos e alternâncias dos geoambientes da Caatinga. Uma relação que lhe permite viver e sobreviver em um vasto território configurado pela irregularidade de chuvas. Ser absorvido nesse mundo semiárido, para o sertanejo, é lidar com os ciclos dessa natureza entre o “tempo do verde” ou “tempo do inverno” para o período das chuvas e o “tempo da seca, das prolongadas estiagens.

Por fim, ver um Ser-tão, não mais “outro”, representa construir uma visibilidade de um território que na verdade traduz-se pela riqueza da sua multiplicidade, pela pluralidade cultural, geográfica, climática, étnica e pela variada fauna e flora. Ser-tão é um convite à aprendizagem do bom viver.

4 | DE FORA DO SERTÃO: UM SER-TÃO NOVO - VISÃO DE SERTÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE NILHA VERENA F. FERREIRA

“A novidade é que o Brasil não é só litoral, É muito mais, é muito mais que qualquer zona sul [...]”. (Milton Nascimento e Fernando Brant, 1981)

Cresci correndo pela praia, sentindo a brisa forte no rosto e o gostinho salgado da água do mar. Vivi boa parte da minha vida na faixa litorânea da Bahia, desfrutando da beleza das praias da minha cidade natal, Valença e da capital, Salvador.

Durante a minha infância e adolescência, o sertão só aparecia nas fotos e ilustrações dos livros didáticos utilizados nas escolas e nas imagens da televisão. Uma vez ou outra, lá estava “o sertão”, seco, inóspito, desprezado, de cor alaranjada

da terra batida e rachada, cheio de carcaças de animais que sucumbiram à sede e a fome. Assim, Malvezzi (2007) traz uma caracterização e uma crítica acerca desse ponto de vista:

A imagem difundida do Semi-árido, como clima, sempre foi distorcida. Vendeu-se a ideia de uma região árida, não semi-árida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luiz Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. E um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua a natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos.

Esta era a imagem que eu visualizava, na maioria das vezes durante as aulas sobre a geografia da Bahia, estudando o tipo de clima e a vegetação da região, caracterizado por ser tropical na faixa litorânea – onde há manguezal e floresta tropical – e semiárido no Sertão, cuja vegetação predominante é a caatinga. Por vezes observei essa diferença geográfica, como se existissem duas regiões dentro de uma mesma região. Assim, me parecia que o sertão estava muito distante, em outro estado brasileiro. Ele não fazia parte da minha realidade, bastava olhar pela janela do prédio escolar, e do outro lado da pista, lá estava o mar da praia de Itapuã (Praia de Itapuã, localizada no Bairro Itapuã, em Salvador – BA).

Enxergo implícito nesta minha pequena visão, o que me foi ensinado: que há uma distância entre o litoral e o Sertão, tanto em relação a questões geográficas, quanto sociais e culturais, trazendo uma falsa ideia de que o Sertão não é um bom lugar, melhor é o litoral.

Isso me remete as palavras de Albuquerque Junior (1999), quando da análise que ele fez sobre a oposição entre litoral e sertão, presente na obra literária “Os sertões”, de Euclides da Cunha, em que o litoral representa o processo “colonizador e desnacionalizador”, influenciado pela cultura europeia. Em contraponto, o Sertão “aparece como o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre das influências estrangeiras” (p. 54), exótico, interiorano, que esconde as raízes e a essência do país.

Vasconcelos (2007), em seu estudo sobre esta mesma obra literária, explicita que o litoral é visto como representante da modernidade, “espaço que histórica e simbolicamente se contrapôs ao sertão” (p. 62). Imbuído neste discurso está a ideia de que o Sertão não é moderno, e de que o bom e novo vem de fora do país.

Constata-se que essa representação limitada do sertão, descrita pela análise realizada até aqui, está presente nos discursos dentro dos muros das escolas tanto do litoral quanto do próprio Sertão. É reforçada pelos livros didáticos e pela mídia, sendo assumida e reproduzida pela sociedade (REIS, 2010). E não possibilita a quem está de fora do sertão, vê-lo na sua especificidade.

Como disse anteriormente, vez ou outra eu ouvia falar do sertão. Tão logo se findou o percurso escolar, fui esquecendo-me do sertão que o livro didático e a televisão

me mostraram. Não era costume pensar sobre ele, até mesmo quando me casei e tive que deixar o litoral e ir para o Sertão baiano, morar na cidade de Juazeiro, região norte do estado. Na empolgação para “começar uma vida nova”, não me preocupei muito com a questão do clima, da vegetação e os problemas apontados pelos livros didáticos.

Ao chegar à cidade, notei as principais avenidas arborizadas e urbanizadas; o vistoso rio São Francisco fazendo divisão com a cidade pernambucana de Petrolina; o contraste urbano-rural através da mistura das carroças e carros no trânsito; o casamento dos prédios modernos com os antigos, e percebi que diferente das cidades onde já tinha morado, a maioria das fachadas das casas eram conservadas, não havia infiltração ou mofo pela ação da umidade, chuvas ou vento, o que as tornava mais bonitas e conservadas. O clima seco e quente, ao qual fui me adaptando, não me pareceu um problema, diante das belezas que foram se revelando.

Conheci outras cidades do sertão baiano, visitei alguns distritos e povoados, nestes últimos pude adentrar a caatinga e ver de perto aquela imagem construída na infância. Por vezes eu vi um ambiente seco e sem folhagem, mas me surpreendi, em outras tantas vezes com uma vegetação esverdeada, frutífera, molhada pela chuva. Ali estava diante dos meus olhos um Sertão que eu não havia visto, que não tinha conhecido nos livros e na televisão.

Por diversas vezes eu pensei “nossa, mas eu não sabia que no sertão podia...”. E no sertão chove? Neste solo se planta? É apropriado para a criação de animais? O Semiárido brasileiro é o mais chuvoso do planeta (CARVALHO, 2006; MALVEZZI, 2007), embora estas chuvas sejam irregulares e as águas que caem sofram um alto nível de evaporação pela falta de cobertura das plantas e incidência de sol. Desta forma, a água da chuva que cai sobre o sertão deve receber um cuidado especial, deve ser utilizada de maneira inteligente, estocando-a e protegendo-a da evaporação.

A visão da terra seca e rachada deu lugar a um novo olhar, formulado a partir da percepção da realidade à minha volta, da pequena plantação de tomates que eu estava observando, e das roças que eu ia visitando. Nem tudo era solo rachado, nem tão pouco seco. A irrigação permitia uma variedade de cultivos. Assim, este pedaço do sertão baiano em que meu encontrava, era uma região promissora, com potencial produtivo, como explicita Reis (2010, p. 114),

Somos uma região promissora, atestado, por exemplo, pelo polo Juazeiro – BA e Petrolina – PE, que desponta com a vocação para a vinicultura, para a ovinocaprinocultura e para a fruticultura irrigada. Ou seja, um novo roteiro turístico e de produção de divisas e geração de emprego e renda vai surgindo – e isso é apenas uma das inúmeras potencialidades da região.

Em muitas das roças pelas quais eu ia passando, sempre se ouvia os balidos dos bodes e cabras, revelando que ali, além de ser uma terra fértil também era um lugar propício à criação destes animais, pelo fato deles se adaptarem melhor à região.

Então, a caveira do gado que aparece na imprensa nacional não é o bode, que

está sobrevivendo, resistindo às intempéries do clima e segurando as famílias no Semiárido, mas sim do bovino, que inapropriado para a região, continua sendo criado sem se levar em consideração as condições climáticas e a adaptabilidade desses animais à região. (REIS, 2010, p. 111).

A percepção que tive foi a de que os livros mostram apenas uma realidade do sertão, resultado de anos de desprezo, fruto do desconhecimento de suas características e das leis que regem este ecossistema. Conhecer mais profundamente formas de se adaptar à região, ao clima, as suas intempéries, tornam viável a vida e a produção da existência neste lugar. O sertão é sim uma região seca, mas a sua imagem não pode ser apenas a de uma terra “de cor alaranjada da terra batida e rachada, cheio de carcaças de animais”, como citei no início do texto, mas também de um lugar com vocações, potencialidades e possibilidades, e com espaços naturais belíssimos, inclusive com cachoeiras, como a Cachoeira do salitre (Cachoeira do Salitre, distrito de Salitre, localizada à 39 km da cidade de Juazeiro – BA).

Assim, alargou-se a minha visão e eu pude perceber que num país tão diversificado territorialmente como o Brasil – e por isso reconhecidamente rico – o Sertão é um território que compõe essa riqueza, através da sua singularidade, da beleza de seus recursos naturais, da sua cultura, do seu povo. Assim como em todas as outras regiões, existem limitações e potencialidades, que podem ser o ponto de partida para a superação de seus desafios, um movimento que Carvalho (2006) descreve como a “emergência da lógica da convivência com o Semiárido”, o qual,

[...] visa focar a vida nas condições sócio-ambientais desta região, em seus limites e potencialidades, pressupondo novas formas de aprender a lidar com esse ambiente, na busca de alcançar e transformar todos os setores da vida. [...] oportunizando organizar e criar alternativas de produção a partir dos limites e possibilidades que a natureza oferece. (CARVALHO, 2006, p. 8-9)

Desta forma, meu ponto de vista acerca do sertão vai se (re)construindo dentro de mim. Eu não “brotei” no sertão. Eu entrei no sertão. Eu pude vê-lo com outros olhos e tirar minhas próprias conclusões. E tudo isso se deu num momento marcado pela novidade: o de começar uma *nova* vida, num *novo* lugar – que realmente se fez *novo* para mim. A desconstrução da imagem e do discurso equivocados sobre o Sertão que me foi passado fez nascer em mim um Ser-tão *novo*.

Não se trata de criar mais um conceito ou de negar as limitações e restrições que este espaço possui, romantizando-o ao ponto de torná-lo quimérico. Mas de percebê-lo com características próprias que tem restrições e possibilidades, riquezas e pobreza, mazelas e benesses as quais devem ser utilizadas como elementos pertinentes a sua (re)construção.

Espaço rural e urbano, moderno e antigo, com traços de desenvolvimento e não desenvolvido, permeado de cultura, história, natureza, de um povo específico. O litoral também tem tudo isso. Tem problemas, tem encantos. Neste pude, em uma parte da minha vida, vivê-los um pouco. Agora estou destinando a outra parte, a viver e aproveitar o Ser-tão novo.

5 | CONCLUSÃO

A construção desse trabalho, com o objetivo de correlacionar duas visões sobre o Sertão, construídas a partir de realidades e experiências tão distintas, pretendeu trazer uma contribuição reflexiva sobre a construção da ideia de Sertão. Através deste exercício, o de (re)percorrer nossas trajetórias na tentativa de retratar o “nosso Sertão”, pudemos entender mais como o discurso negativo produzido historicamente sobre o Sertão, de alguma maneira nos influenciou. Olhar para o passado, nesse sentido, se fez libertador.

Ouvir um discurso que caracteriza o Sertão apenas como um cenário que remete à seca, a miséria, a escassez de água e alimento, ao abandono, e aceitá-lo, ingenuamente como verdade – nos discursos produzidos através da história, presentes no livro, nosso “porta-voz do saber”, ou na imprensa, ou nas artes, ou até mesmo na fala daquele que está próximo – provocou uma segregação entre litoral e Sertão, e no próprio Sertão a ideia de dois sertões: um urbano e outro rural. Isto, de certa forma, permeado por um juízo de superioridade e inferioridade, atenuado pela não percepção de que se trata do mesmo contexto (Sertão), da mesma região (Bahia).

Deste modo, em ambos os casos, aceitamos e reproduzimos uma idealização de Sertão que permeia vários dos discursos econômicos, políticos, culturais, sociais, geográficos. A escola, de certa forma contribuiu muito para que ocorresse essa pré-concepção. Pelo fato de apenas nos informar um lado da verdade sobre o Sertão, nos deseducou.

Mas esse descompasso pode ser desconstruído, quando da oportunidade do outro olhar. Não nos referimos ao olhar de quem está fora do contexto do sertanejo e (re)produz o discurso contido nos livros, mas o olhar da vivência, da experiência, da realidade, que observa o contexto deste espaço e vê que na verdade o Sertão é um só, embora ele tenha ares de modernidade em alguns lugares e em outros ainda cultive traços do seu passado; que em momentos ele esteja sem folhagem e em outros revele a exuberância de suas plantas naturais; que possua limites e restrições, mas também potencialidades e possibilidades. Não o notamos pior, ou melhor, do que outro lugar. É nele que estamos construindo nossas vidas, e estamos aprendendo o Sertão.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEl, Pelotas, nº 14, p. 79-95, set. 2003.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno: A invenção do Nordeste e outras artes**. 1994. 500 f. Tese de Doutorado (Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos**: Planejamento e clientelismo no Nordeste. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CARVALHO, Luzineide D. A Emergência da Lógica da “Convivência Com o Semi-Árido” e a Construção de uma Nova Territorialidade. In: RESAB. Rede de Educação do Semi-árido Brasileiro (Org). **Educação para a Convivência com o Semi-árido**: reflexões teórica-práticas. Juazeiro – BA: RESAB, 2006.

CARVALHO, Luzineide D. **Ressignificação e Reapropriação Social da Natureza**: Práticas e Programas de Convivência com o Semiárido no Território de Juazeiro – Bahia. 2010. 342f. Tese de Doutorado (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Educação e Ciências Humanas) Universidade Federal de Sergipe. Sergipe.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido**: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Notícias do Brasil. M. Nascimento; F. Brant. [Compositores]. In: **Caçador de mim**. BMG: Ariola, 1981.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: SILVA, Conceição de M. de S.; LIMA, Elmo de S., CANTALICE, Maria L. de, ALENCAR, Maria Tereza de, SILVA, Waldirene A. L. da. (Org.). **Semiárido Piauiense**: Educação e Contexto. Campina Grande PB: Triunfal, 2010. p. 109-130.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior**: Contextualizar a educação para construir o “dia depois do desenvolvimento” no Semi-Árido Brasileiro. Campina Grande: EMBRAPA Algodão, 2010.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão Baiano**: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. 2007. 115 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) Universidade Federal da Bahia, Bahia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-192-3

